

RUY DE LEÃO.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

DO
RIO DE JANEIRO



Consta de chronicas ineditas e secretas que, ali pelos annos de 1630, vivia no interior do Brazil, um fidalgo chamado Ruy de Leão, varão de boas prendas, extremado na lingua do paiz e aparentado com uma familia *tamaya*, por ter casado com uma das suas mãis bellas filhas.

Ruy de Leão contava nesse tempo cerca de quarenta annos. Era robusto, córado, activo, tão energico na alma como no corpo. Tinha no rosto uns longes de melancholia que se dissipava muita vez sem que de todo se extinguisse. Parece que a causa dessa desconhecida tristeza prendia com os infortunios que soffrera em Portugal, e que o trouxeram ao Brazil em um dos regios galeões. O certo é que o nosso fidalgo, esquecendo totalmente a grandeza da sua raça, não duvidou em unir-se pelos laços do matrimonio á filha de um velho Pagé.

Matrimonio digo eu, unicamente para usar de um termo corrente; mas a verdade é, que não se deve ligar a esta palavra a idéa christã que lhe damos. O matrimonio do fidalgo consistio nas ceremonias indigenas. Debalde o padrê Pires tentou converter a esposa do fidalgo e santificar a união. Ruy de Leão respondia que, de ora em diante era tamayo, pois que sua mulher o era, e mandou eimbóra o padre.

Tamayo ficou o nosso fidalgo, menos no traje, que o conservou civilisado e portuguez. Mas até isso veio a perder dahi a poucos annos, por conselho do pagé que um dia lhe disse :

— Carão branco, tu es a nossa lua, tu es o nosso irmão, mas só uma cousa te falta. O cajú é igual ao cajú; o coco é igual ao coco; só tu carão branco, em vez de seres igual a todos nós, usas de umas roupas semelhantes ás dos nossos inimigos. Porque recusas vestir como nós as plumas da arara e as cores do genipapo?

— Pagé, respondeu Ruy de Leão, a pelle do carão branco não está affeita ao clima do teu paiz.

O Pagé sorriu, contemplou o céu, inserio o dedo minimo no canto do olho esquerdo, e ejaculou resposta philosophica :

— A agua bate na pedra e fura a pedra : o costume reforma a natureza.

Ruy de Leão estremeceu ouvindo estas palavras na bocca do pagé; não lhe parecia que elle as tirasse do seu cerebro. O negro entristeceu, insistio no pedido, e Ruy de Leão depois de meia hora de conferencia cedeu, e despedio-se dos calções, do gibão e dos sapatos.

Grande foi a festa que seguiu á encarnação do fidalgo no vestuario do deserto.

Nanavy, sua esposa, fez um esplendido cocar de plumas com que elle se adornou garridamente.

Entre Ruy de Leão e Julio Cesar nenhum ponto de contacto havia; mas uma circumstancia ligava estes dous grandes homens : eram ambos calvos como a occasião.

Imaginem o prazer com que o fidalgo recebeu o cocar; foi por assim dizer a sua coroa de louros cesariana. Na tarde desse famoso dia houve reunião na cabana do pagé.

Peitos de papagaio, costellets de tatú, e outras viandas saborosas serviram de pasto aos convivas. Quando o sol começou a ficar triste, todos os convivas entraram a bailar, e bailaram até que o cansaço e o vinho os prostraram no mais profundo somno.

Extrema era a confiança da tribu no fidalgo, que logo se habituou aos mais duros exercicios.

Não havia guerra em que não colhesse immarcesciveis louros, nem manança de victima a que não levasse um par de famintos queixos.

A primeira vez que figurou n'uma destas festas, era a victima um galhardo mancebo indigena, que, segundo o uso fôra engordado previamente por uma velha de seus oitenta janeiros bem puxados.

Convocou-se toda a gente da vizinhança , e Ruy de Leão teve a gloria de ser escolhido para dar o golpe mortal no rapaz.

Não se póde descrever a alegria do fidalgo , quando lhe foi conferida essa honra suprema.

Quando elle appareceu á porta da cabana com a massa mortifera em punho, e o collar de dentes humanos ao pescôço (ordem honorifica daquelles povos barbaros), houve um geral murmurio de admiração.

A unica cousa com que os filhos do deserto embirraram, foi com o nariz de Ruy de Leão, nariz christianissimo, verdadeiro contraste com os narizes da gentildade.

Rezam as chronicas que esta differença nazal, esteve a ponto de provocar um levantamento no povo ; mas a influencia do pagé e a presença da graciosa Nanavy mataram em flor todo o projecto de insurreição.

Bizarro entrou na praça o nosso Ruy de Leão, e logo se encaminhou para a especie de palanques onde a victima devia ser immolada.

Immediatamente appareceu o condemnado tirado por dois robustos rapazes, e rodeado por uma meia duzia de velhos tocando nos seus alguidares , ao passo que uma orchestra executava em tibias humanas asperas variações dos Rossinis do tempo.

Ruy de Leão levantou a massa e começou a atordoar a victima levemente , no meio dos applausos da multidão , até que, com um golpe em cheio lhe reduzio o craneo a migalhas.

Houve então a repartição da carne da victima.

Ruy de Leão obteve larga parte e é fama que lhe achou melhor gosto do que outr'ora nos guisados da civilisação.

Taes foram as grandes estreias anthropophagas de Ruy de Leão , que nos outros exercicios desbancava ao mais pintado.

Apanhar um papagaio no ar com a flexa ou um peixe no rio ; atirar ao arco com pés e mãos, tudo isso nada era para o nosso fidalgo.

Como os tamayos eram amigos de vagamundear depressa o nosso Ruy de Leão perdeu o gosto de fazer ninho, tão pronunciado nos povos civilizados , e era de ver a presteza com que elle construia e desfazia a sua cabana.

A tudo se affez o esposo de Nanavy. Entretanto é difficil que um homem civilizado perca de todo a sua tendencia propagandista.

Ruy de Leão posto que achasse bons os costumes do deserto , teve idéa de introduzir nelles alguns usos da Europa.

Inuteis foram os seus esforços.

Os Indios recusaram toda innovação politica ou social nos seus habitos.

Ruy de Leão ficou com a sua vontade.

Aqui temos pois o nosso heroe, na epoca em que começa esta historia, privada em documentos de incontestavel authenticity.

Justamente no anno de 1630, dous seculos antes da revolução do campo da Acclamação, estava Ruy de Leão conversando com o pagé, a respeito das ultimas aguas, quando Navavy appareceu á porta da cabana, e communicou ao esposo a agradavel noticia de que dentro de pouco tempo seria pae.

Ruy de Leão ardia por ver algum fructo da sua união com a tamaya.

Levantou-se e exclamou :

— Ainda bem Navavy : a mangueira não ficou esteril.

— Não, respondeu a india.

— Bem vinda seja essa criança que ha de receber a herança de seu pae e a benção de seu avô.

— Ai, não ! exclamou o pagé. Quando teu filho apparecer no mundo, já eu estarei morto.

O pagé disse estas palavras com tom prophético.

Ruy de Leão estremeceu e involuntariamente procurou as algibeiras dos calções, que já não usava, para metter-lhe as mãos dentro. Navavy entrou a chorar.

O pagé consolou a familia com uma dissertação philosophica a respeito da morte ; comparou a vida á luz fugaz do pyrilampo : comparação de que os poetas começaram a usar mais tarde ; e concluiu pedindo alguma cousa que comer.

Adivinhára o pagé. Dous mezes antes de vir á luz o rebentão da illustre raça dos Ruys de Leão, o pagé adoeceu gravemente.

Chamaram-se os physicos da localidade. Era um delles o illustre URUMBEBÁ, profundo conhecedor do corpo humano e seus achaques ; e o outro o não menos illustre MANDIJBİYURUÇÚ, versado no conhecimento das plantas e raizes.

Entraram estas duas glorias da Academia do sertão com a gravidade propria do caso.

Examinaram o enfermo, e declararam que era necessario uma conferencia entre si, pelo que se retiraram as mais pessoas.

Quando os dous physicos ficaram sós, rompeu o silencio URUMBEBÁ :

— O rio está crescendo muito, disse elle.

— Já reparei nisso ; parece que alagará tudo como na lua passada.

— Alem disso eu tive um sonho.

— Ah !

— Sonhei que uma cobra immensa desenvolvendo-se pela terra, enrolára a tribo toda.

— Uma cobra?

URUMBEBÁ percebeu que o collega não atinava com o sentido do sonho.

— Sim, uma cobra disse URUMBEBÁ; e essa cobra é a imagem do rio que nos cercará a todos nós.

MENDIJBİYURUÇÚ ficou muito assustado com o sonho de URUMBEBÁ, e concordou na necessidade de levantar as tendas.

Conversaram largamente nesse assumpto até que, passada uma hora, um gemido do pagé veio lembrar-lhes o objecto principal da conferencia.

Na opinião de URUMBEBÁ o doente devia tomar um cozimento de aipim, dado em quatro porções de uma cuia cada uma; ao passo que MANDIJBİYURUÇÚ optou por uma applicação de inimboya cosida e dada em duas partes com fomentações de caataya.

Divididas as opiniões, foi necessario que as discutissem.

Mas o doente peorára, e Ruy de Leão veio dizer aos medicos que o pagé estava mal.

Foram os medicos ter com o enfermo e conheceram que era chegada a ultima hora; mas como o pagé padecia muito, resolveram que o melhor remedio era dar-lhe uma cacetada na cabeça, — extrema-uncção daquelles povos incultos.

O pagé comprehendeu a situação e pediu para fallar particularmente ao genro.

Quando se acharam sós, disse o pagé:

— Quero dar-te um presente, o melhor presente que um mortal póde dar a outro, porque o recebi eu mesmo das mãos de Tupan.

Ruy de Leão arregalou os olhos.

— Eu tenho ainda vida até o sol que vem.

Quando vier a noite sahiremos ao terreiro; quero ir contigo a um lugar secreto.

Prometteu Ruy de Leão acudir ao convite do pagé. Effectivamente quando veio a noite, sahio o pagé encostado ao genro, e a seis ou sete passos da cabana, mandou o pagé que Ruy de Leão cavasse certo monticulo de terra. Cavou o fidalgo, e não tardou que apparecesse um vaso hermeticamente tapado.

— Isto disse o pagé, é um segredo que me acompanha sempre. Quando me mudo de um lugar para outro, levo o vaso comigo e enterro-o atraz da cabana.

Ruy de Leão contemplava o vaso, sem poder adivinhar o que continha.

Veio em auxilio delle o pagé.

— Era uma noite em que eu , não podendo dormir , fui sentar-me á beira do mar contemplando as estrellas. Estava alli já havia muito tempo, quando me appareceu um vulto cheio de luz e me disse : « Pagé, queres que eu te dê a immortalidade ? » « — Quero, respondi eu , beijando a terra. » « — Toma este vaso; aqui tens um licor que te dará a immortalidade; bebe-o quando quizeres, serás immortal. »

Ruy de Leão teve um momento generoso.

— Ah ! disse elle, bebe depressa !

O pagé empurrou levemente o genro.

— Não ! se seu quizesse ser immortal, não o teria já bebido ? Acceitei o licor com alegria e guardei-o para beber mais tarde. Profundos desgostos me amarguraram a vida ; não quero ser immortal. Tu sim ; és feliz ; podes ser immortal.

— Dou-t'o; é para ti. Mas agora enterra o vaso; ninguem deve saber disto.

Ruy de Leão enterrou o vaso.

A noite estava escura ; uma coruja piou em cima de uma arvore ; o pio da coruja e o murmurar do rio eram os unicos sons que se ouviam. Quando Ruy de Leão se levantou, vio que o pagé tremia ; segurou-o para não cahir. Era tarde ; o pagé expirou.

Grande foi a dôr de Nanavy, quando soube da morte do pae. A cerimonia funebre impressionou a todos, porque a palavra do pagé era respeitada e adorada, e todos sabiam que se perdia nelle uma gloria da raça tamaya.

II.

Ruy de Leão voltou ao lugar onde se achava enterrado o vaso do elixir.

Desenterrou-o , tirou-lhe a tampa e examinou attentamente o conteúdo.

Era um liquido amarello , com seus reflexos azues quando recebia o raios do sol.

A porção não era muita, nem para o fim proposto era preciso mais.

O cheiro do liquido era uma mistura de almiscar e canella.

O esposo de Nanavy enterrou o vaso e sentou-se sobre uma pedra que lhe ficava ao pé.

Não se póde saber que tempo gastou Ruy de Leão nas profundas re-

flexões em que se mergulhou o seu espirito. Apenas sabemos que, quando Ruy de Leão levantou a cabeça, tinha um sorriso nos labios.

— Illusão! exclamou elle; isto é impossivel. Por que motivo não vi logo que o pagé era victima de um sonho, ou desejava impôr a sua privança com Tupan? Immortalidade! só Deus poderia dal-a, mas esse não a dá com certeza: a verdade é esta. Eia, Ruy de Leão, evoca o teu bom senso; não sejas tamayo em tudo. O pagé podia illudir aos outros, mas a mim!...

Levantou-se, deu dous passos e parou contemplando o lugar onde estava enterrado o precioso vaso.

— E comtudo, disse elle, era tão bom possuir a immortalidade! Ver correr os seculos uns apoz outros; ver passar as gerações; ver o nascimento e a queda dos imperios, e ficar sobranceiro a tudo; zombar do tempo e dos homens!... Oh! seria uma grande ventura, e se realmente o elixir do pagé...

Ouvio uns passos. Era Nanavy.

— Pensas no teu paiz? perguntou a indigena.

— O meu paiz é o teu, Nanavy; a minha patria é o teu amor. Que teria eu lá mais do que tenho aqui? O sol é o mesmo; pisa-se a mesma terra; respira-se o mesmo ar. Vive-se a mesma vida; morre-se da mesma morte.

Nanavy lançou os braços á roda do pescoço de Ruy de Leão; este beijou-a ternamente nà testa.

— Andas pensativo... Que tens?

— Nada; saudades do pagé.

— Pobre pae!

Ruy de Leão sentou-se sobre uma pedra.

— Era um grande homem teu pae, disse elle.

— Era um sabio.

— Sim, era.

— Ninguem melhor do que elle, continuou Nanavy, sabia ler no céu, nem combinar as raizes da terra.

Ruy estremeceu.

— Que tens?

— Nada. Teu pae conhecia as virtudes das raizes?

— Quem as não conhece entre os filhos de Tupan?

— Tens razão.

— Meu paé era mais sabio que todos os outros; mas não o dizia a ninguem.

Ruy de Leão ficou pensativo.

— Quem sabe, dizia elle comsigo , quem sabe se o pagé não combinou este elixir por meios secretos , e modestamente o attribuiu a origem divina ?

Não sem admirar a modestia do pagé , Ruy de Leão demorou-se nesta idéa e concluiu que em todo o caso , não sendo provavel que o sogro lhe quizesse mal, a bebida se não lhe desse a immortalidade, tambem lhe não daria a morte.

Dous mezes depois veio á luz um amavel pimpolho , fructo da união do fidalgo com a indigena.

Segundo o uso, Ruy de Leão metteu-se na cama, tomou os caldos, recebeu as visitas, ao passo que a mulher foi cuidar dos arranjos da casa. URUMBEBÁ foi visitar assiduamente a Ruy, não porque elle carecesse dos seus serviços medicos, mas porque era conversador e alegre nas horas de bom humor.

N'uma das occasiões , disse-lhe que havia chegado áquella região um padre da nação de Ruy, homem apessoado e de fallas de mel.

— Onde está? perguntou Ruy.

— Anda perto ; foi visto na foz do rio. Dahi a dias appareceu effectivamente o padre Nórberto, que andava em missão. Disseram-lhe que havia alli um homem seu compatriota ; foi vel-o. Eram conhecidos.

(*Continua.*)

MAX.





RUY DE LEÃO.

CONTINUAÇÃO.



frade Norberto fallou de Portugal e da familia de Ruy. Disse-lhe que os seus parentes se achavam mortos com excepção de um primo que fôra metter uma lança em Africa.

— Pouco me importa saber, frade Norberto, do que vai lá pela minha familia, nem se são vivos ou mortos. Hoje a minha familia é Nanavy e meu filho.

Justamente n'essa occasião accordou o pecurrucho ; o frade Norberto vio o fruto do amor da indigena com o europeu ; e disse ao fidalgo.

— Vamos baptisal-o ?

— Não.

— Pois que ! não quer ?

— Não.

— Meu Deus ! continuou o frade Norberto será isso possivel ! dir-se-ha que estes gentios nascidos e creados sem a luz da fé, são mais faceis de converter que V. Mercê nascido e criado no seio da egreja ?

O argumento não tinha resposta ; por isso mesmo o fidalgo tentou sophismal-o. O digno frade ouviu-o silencioso.

Quando o fidalgo acabou disse o frade :

— Peço a Deus que não faça cahir sobre V. Mercê a justa pena d'este acto... E sahio.

Logo n'essa noite, teve Ruy de Leão uma intensa febre; no dia seguinte peorou. Nenhuma raiz, nenhuma folha pode abrandar o mal do pobre Ruy. Esgotou-se a pharmacopea do deserto; a doença tinha todos os signaes de ser mortal. Tres dias durou esta luta entre a natureza e a sciencia. Ao cabo d'esse tempo resolveu-se que, se o ultimo remedio não produzisse effeito, devia recorrer-se ao medicamento eleitoral do cacete.

Ruy não sabia que já estava condemnado, mas suspeitava-o bem, porque o remedio que lhe deram como definitivo nenhum effeito produzira. Vio a morte diante de si; lembrou-se das palavras do frade Norberto; contemplou o filho, apenas nascido, a mulher ainda no viço dos annos. Todas estas cousas juntas fizeram com que Ruy reunisse todas as suas forças (que bem poucas eram), e tentasse de noite ir ao elixir da immortalidade.

Fel-o a muito custo; logo á porta da cabana teve um desmaio. Conseguiu levantar-se sem despertar ninguem. Caminhou lentamente para o monteculo onde estava enterrado o vaso; cavou a terra com as unhas; arrancou o vaso e bebeu parte do conteudo.

No dia seguinte amanheceu melhor. Os parentes de Nanavy, que já preparavam os ventres para o condigno enterro do estrangeiro illustre, ficáram agradavelmente sorprendidos quando viram a rapida melhora que naturalmente attribuíram ao remedio que tomára.

Restabeleceu-se Ruy de Leão da molestia, e grande alegria houve por isso, pois o fidalgo era realmente a luz d'aquella gente e o melhor conselho dos casos difficeis.

Certeza de que estava immortal, não a tinha ainda Ruy de Leão; mas certeza de que o elixir curasse febres teimosas, essa adquirio logo. Esperemos o resto, dizia elle comsigo.

E esperou.

Não tardou que se admirasse toda a gente d'aquellas paragens da robustez crescente de Ruy de Leão; era o segundo effeito do elixir. Multiplicáram-se-lhe as forças e a actividade, cousa que summamente agradava a Nanavy, pois n'aquelle tempo e entre aquelles povos, a gloria não estava em agitar um junco parisiense, mas em brandir uma pesada massa de guerra.

Com os annos cresceram as esperanças de Ruy. O tempo nenhuma acção tinha n'elle; não só os poucos cabellos que tinha continuáram a ficar pretos, senão que lhe nasceram outros, e dentro em pouco tinha o

homem uma verdadeira floresta na cabeça a qual floresta, attenta a falta de pentes no sertão, era uma verdadeira floresta virgem. Nenhuma ruga lhe afeiou o rosto : nenhum abalo lhe fraqueou o pulso.

Tinha Ruy sessenta annos e era o mesmo homem dos quarenta. Não eram isto indícios da immortalidade? Ruy adquirio a plena certeza de que tinha vencido a morte.

Não aconteceu o mesmo á pobre Nanavy, que andando um dia a colher frutas no matto, recebeu em cima da cabeça um tronco que a levou d'esta para a melhor. Ficou a criança, rapazote de largas esperanças, unico fruto dos amores de Ruy e Nanavy.

Como o frade Norberto continuasse em missão, encontrou-o um dia o nosso neo-tamayo e travou conversa com elle.

Sem descobrir o segredo do pagé disse-lhe que tinha meios de fazer uma conversão em larga escala durante longos decorres de annos; que para isso ajudaria com dedicação os frades da companhia não sómente com as luzes que tinha da lingua do Brazil como tambem pela autoridade moral que adquirira entre os Indios; finalmente que por prova de que servia sinceramente a egreja, dava a baptisar o filho de Nanavy.

— De boa razão é vosso procedimento Sr. Ruy de Leão e eu estou que a fé colherá grande proveito com o auxilio de vossa pessoa. Suspeitar de vossa sinceridade fora além de injustiça, erro grosseiro por quanto entraes no corpo da egreja passando a porta preciosa e precedendo ao innocente filho que nos dais para baptisar e iniciar na fé. Onde está a mãe?

— A mãe morreu.

— Culpa vossa, Sr. Ruy de Leão; perdeu-se uma alma pela obstinação com que V. M. se houve...

— Estou arrependido, padre Norberto, disse Ruy ajoelhando aos pés do frade.

Foi baptisado o pequeno e iniciado nos preceitos da fé christã, ao passo que o pae incumbido de arrebanhar a gentilidade, sahio pelo sertão acompanhado pelo frade Norberto e outro.

Longo tempo andou n'essa missão. Colheu a egreja preciosos frutos d'ella e quando voltáram todos tres para o asylo dos frades houve grande e piedosa festa em honra de todos e principalmente de Ruy. Os frades asseveráram á porfia que a piedade do fidalgo fora exemplar e os seus esforços incessantes.

Notáram todos, porém, que se os frades voltáram alquebrados pelas fadigas e perigos, Ruy estava tão sadio e robusto como fôra. Maior admiração houve quando o fidalgo confessou ter mais de sessenta annos.

— Não admira, respondeu o fidalgo rindo; eu adquiri o privilegio d'esta gente que vive geralmente até os cem annos.

Ficou o nosso Ruy no convento acompanhando os frades. Uma noite veio do sertão uma horde de Indios, e atacou o asylo monastico com desusado vigor. A defeza foi quasi nulla contra os ferozes Indios. Após uma luta porfiada, Ruy conseguiu fazer ouvir a sua voz e acalmar os animos. Os Indios foram embora deixando dois cadaveres dos seus. Dos frades tinham morrido dois ás envenenadas frechas do inimigo. A todas admirou, porém, que Ruy recebesse uma frecha nas costas que a arrancasse, e não morresse como acontecera aos outros.

— Que mysterio é esse irmão? perguntou-lhe um frade.

— Nenhum, respondeu Ruy; provavelmente a frecha não vinha heruada.

Correram os annos; os frades estavam substituidos a proporção que ião morrendo; e assim se chegou aos annos de 1730, sem que Ruy perdesse sequer um dos traços de sua vigorosa pessoa.

Toda a gente ficava pasmada diante de semelhante prodigio. Prodigio havia de certo porque de cem annos por cima é impossivel não ter já todos os signaes da velhice; porém não... nunca Ruy deixou de ter a mesma cara.

Foi em 1730 que um official regio tendo sabido da maravilhosa mocidade de Ruy, offereceu-se para leval-o á corte de Lisboa afim de apresental-o ao rei que era então D. João V. Partiram.

III.

É incrivel que nenhuma historia publicada d'aquelle tempo mencione a chegada d'este prodigioso sujeito á corte de Lisboa e dos casos que ahi houve.

Ruy não foi apresentado ao rei, não se sabe bem por que razão; mas andou por toda a parte; figurou nos solares da fidalguia como nas cazas dos mesteiraes; espantou damas, condes e burguezes; fallou de cousas acontecidas um seculo antes; causou em summa o mesmo assombro que o celebre conde de S. Germano em Pariz ainda que este mysterioso personagem não possuisse o dom da immortalidade achado pelo pagé.

Sabido é que ás mulheres agrada o mysterioso e o raro. Uma D. Beatriz formosissima fidalga d'aquelle tempo, veio a enamorar-se do nosso Ruy que tambem se enamorou d'ella. Como a moça estivesse para casar

com D. Alvaro, marquez de P... sahio este paladino a campo e desafiou Ruy por um combate singular.

Não era homem de recusar duelo o nosso Ruy; aceitou o repto do fidalgo, que o não era mais que elle, e bateram-se á espada nas immedições de Lisboa.

Infelizmente o uso da frecha deshabituára o viuvo de Nanavy do uso da espada. O marquez era esperto jogador d'esta arma. O combate era desigual. Todavia, não aceitou Ruy o conselho dos que lhe diziam que fizesse um estudo prévio.

Durou o duelo uns vinte minutos de angustia para os padrinhos de Ruy; ao cabo d'esse tempo, D. Alvaro varou o nosso homem de meio a meio. Correram todos ao ferido que immediatamente cahio no chão lavado em sangue.

— Está morto! exclamáram todos.

— Ainda não, disse Ruy; não estou morto.

E com a propria mão estancou o sangue, em quanto um physico, adrede convidado, lhe administrou os primeiros soccorros.

— Morre d'aqui a duas horas, disse tristemente o cirurgião aos padrinhos de Ruy.

Duas horas depois, Ruy apparecia nas ruas de Lisboa, com grande espanto do povo que ouvira fallar no duelo e nos resultados d'elle.

— Sabem que mais, dizia o cirurgião, aquelle homem é o diabo...

N'aquelles tempos de fé uma descoberta d'esta ordem equivalia ao exilio perpetuo do homem. Ruy vio fecharem-se-lhe as portas dos palacios, as hospedarias, as casas todas emfim; e comprehendeu que estava abandonado.

Ajuntou algum dinheiro que tinha, guardou na algibeira um frasco contendo o resto do elixir de immortalidade, e partio para Hespanha.

Alli deixou de dizer quem era, nem a idade que tinha; viveu desconhecido. Mas não deixou de lhe ser proveitoso o incognito. Jogou a sortes nos casos em que isso se fazia e ganhou sommas fabulosas.

— Que farei agora? perguntava Ruy a si mesmo?

Partio para a Allemanha e dispoz-se a estudar. Com o dinheiro que tinha ganho nas tavolagens de Castella, poude o nosso celebre Ruy de Leão occorrer ás despezas do estudo.

Ao cabo de longos annos, era elle doutor em theologia, philosophia, mathematicas, direito, medicina, profundo antiquario, extremado nas sciencias physicas e chymicas; em summa o doutor dos doutores, a expressão mais alta da sciencia humana. Apprendeu o latim, o grego, o arabe,

o armenio, o turco, o hebraico. Traduzio para varias linguas as obras de Santo Agostinho e S. Thomaz ; fundou uma academia archeologica e um lyceo de philosophia ; commentou os actos dos apóstolos , escreveu uma historia dos martyres, fez descobertas archeologicas em Roma, annunciou duas cometas e espantou toda a Europa scientifica não menos pela profundidade e variedade dos seus conhecimentos, como pelo prodigioso numero de acontecimentos antigos a que presenciára.

Graças á riqueza que facilmente adquerio , casou o nosso homem em 1770 com uma fidalga de Hespanha cinco vezes marquezia e rica de mais a mais. Durou pouco o casamento ; a mulher falleceu dois annos depois, e foi essa a maior dôr de sua vida , posto que a morta lhe deixára uma grande riqueza nas mãos.

De novo se entregou aos estudos de sciencia , com redobrado ardor. Mas apesar da admiração que o mundo scientifico lhe votára , apesar da especie de infallibilidade que adquerira perante as sociedades e academias, o nosso Ruy entrou a soffrer de um incuravel aborrecimento. Tinha quasi dois seculos e a vida já lhe pesava ; o mundo não lhe offerecia espectáculo novo ; a sciencia perdera o prestigio do principio : o immorttal começou a desejar a morte.

Mas era tarde.

Como acharia ella a morte ?

Ruy recorreu ao suicidio ; sabia que era um crime perante Deus e os homens ; mas não tinha outro recurso. Achava-se então em Lisboa , mais como já muitos dos que o conheceram antes tinham morrido , ninguém vio n'elle o mesmo Ruy de Leão e elle teve o cuidado de trazer nome supposto.

Alli resolveu acabar os seus dias. Foi ao Tejo e atirou-se á agua ; em occasião em que não podia ser soccorrido. Sabia nadar, mas não quiz usar do que sabia. Debalde ! o corpo voltou á terra e desceu até esbarrar n'um galeão, d'onde foi visto e pescado.

De outra vez recorreu á faca mas o mais que conseguiu foi abrir no pescoço uma ferida que se curou rapidamente.

Era impossivel morrer.

Imagine quem puder o supplicio d'este homem condemnado a ser immorttal, a ver os mesmos homens, os mesmos dias, as mesmas comedias, — este Tantalos da morte, ambicionando aquillo que os outros receiam — pedindo ao céo como a suprema felicidade uma cova para dormir.

A situação é de si tão pathetica que eu não preciso lacrimar o estylo ; basta dizer a cousa para que ella seja comprehendida.

Depois de estudar tudo e tudo ver; depois de passear pelas varias partes do mundo, sem encontrar novidade que lhe divertisse o animo; depois de ser assiduo expectador de tudo quanto pudesse despertar a curiosidade de um homem enfadado como, por exemplo, o homem de botas de cortiça, o boneco jogador de xadrez e outros, determinou Ruy de Leão voltar ao Brazil nos principios d'este seculo alli pelos annos de mil oito centos e tantos, estando ainda cá o rei.

Effectivamente aqui aportou no Rio de Janeiro o immortal Ruy. A cidade não offerencia então o aspecto que hoje tem. A rua do Ouvidor não era a via elegante da capital; nem o Rocio estava transformado no jardim que ahi vemos. Eram os bellos tempos de Vidigal e seus granadeiros, de cujas proezas tão habilmente fallou o nosso chorado Dr. Manoel de Almeida, talento como poucos.

Ruy tratou de encobrir-se o mais que poude; entrou como verdadeiro desconhecido. Com tudo a presença de um homem tão sabio e tão rico, não era cousa que passasse desapercibida ao povo nem á corte. Não tardou que fosse convidado para as melhoras casas e os varios fidalgos de respeito do rei porfiaram em recebê-lo á sua meza e na sua sala. Era parceiro obrigado no *whist* dos velhos fidalgos, grande par no minuete, excellente cavalleiro do garfo, em summa a flor da boa roda.

Mas esse recreio durou pouco. No fim de dois mezes voltou Ruy de Leão ás suas magoas antigas.

Foi então que lhe aconteceu um caso decisivo na sua vida.

Entre as damas que mais apreciavam o saber e os dotes do illustre Ruy, havia uma D. Magdalena de Souza e Pedroica, creatura tão notavel pela graça do semblante, quanto pelas virtudes fidalgas da vida. Ruy ficára sempre com um grande pendor ás mulheres o que era naturalmente um correctivo da immortalidade, por quanto ser immortal e aborrecer as mulheres seria estar no peor de todos os infernos d'este mundo e do outro.

Agradou-lhe D. Magdalena, mas esta posto que o apreciasse muito, não lhe aceitou o coração. Coração repellido é o ideal da pertinacia. Ruy multiplicou as suas armas galantes, a ver se colhia a esquiva dama, e esta sempre isenta, dava de taboa ás seducções do namorado.

Durou esta luta cerca de dois annos.

Uma noite, vindo recolher-se para casa, o nosso Ruy, surdiu-lhe em frente um sujeito e lhe disse:

— Quer saber por que razão D. Magdalena lhe recusa a mão?

— Quero.

— Ama a outro.

— Impossivel.

— É verdade !

O sujeito tinha a cara meia coberta com uma das abas do capote. Descobrio-se então e Ruy pedindo a lanterna ao criado que tinha com elle, poudo reconhecer ao vulto um parente de Magdalena.

Passava-se esta scena nos Cajueiros, e o nosso Ruy morava perto do Vallongo : convidou o parente da moça para acompanhal-o á casa.

Quando lá chegaram, tomou palavra o parente da moça D. Martim e disse :

— D. Magdalena ama o licenciado Alvares e quer casar com elle; o pae oppõe-se ao casamento e já a ameaçou com o convento. É essa a razão por que não aceita o seu amor.

— Mas, disse Ruy, eu não sei que diabo achou ella no licenciado...

— Nem eu, mas a verdade é esta.

Ruy reflectio na difficuldade de sua posição.

— D'este modo, disse elle, perco o meu tempo...

— Como eu perdi, replicou D. Martim : tambem eu a amei mas nada pude conseguir. O licenciado transtornou-lhe a cabeça. Que lhe havemos de fazer ?

— Dar uma lição ao licenciado.

D. Martim piscou o olho, via-se-lhe no rosto que elle não vinha para outra cousa.

— Como lhe deremos a lição ?

— Como ?

— É verdade que elle costuma a fallar com a prima ás escondidas...

— A horas mortas ?

— Sim. Chega ao portão e ella falla de cima da janella que dá para o jardim.

— Basta.

— Qual é o seu plano ? perguntou D. Martim arranjando o capote.

— Esganal-o.

— Mas isso é perigoso; o intendente da policia não é de graças...

— Qual intendente exclamou Ruy; pois eu cá vou consultar intendente para esganar um patife !

Sahio D. Martim exultando de contente, e Ruy deitou-se meditando na vingança que devia tomar do rival.

Na subsequente noite não appareceu Ruy de Leão em casa da familia de D. Magdalena, e foi esperar o licenciado no sitio indicado por D. Mar-

tim. A noite era escura : e ameaçava temporal. Ruy sahira de casa sem criado nem lampião. Armou-se com uma faca, encostou-se á parede e esperou que batesse a hora da vingança.

Ao cabo de longo tempo que é sempre longo para quem espera, Ruy de Leão ouviu passos ao longe na direcção do ponto em que se achava. Ao mesmo tempo abriu-se a janella de Magdalena e o vulto da moça appareceu como Julieta quando esperava Romeo e a escada.

Era a hora suprema.

Coseu-se o doutor dos doutores com a parede e esperou o feliz rival que se aproximava cautelosamente. Mal o pobre namorado soltava as primeiras palavras, saltou-lhe acima o fidalgo e enterrou-lhe no estomago uma comprida faca. O licenciado apenas deo um gemido e tentou murmurar o nome de Magdalena. Cahio. Ruy affastou-se rapidamente do theatro do crime.

No dia seguinte de manhã appareceu a policia, levantou o cadaver, fez-lhe os exames precisos, e começou as indagações para ver donde partia o crime.

A primeira suspeita recahiu sobre o pae de Magdalena cuja opposição ao licenciado era conhecida ; mas o pae, vendo contra si a espada da lei, declarou que talvez fosse antes o crime praticado por um individuo que igualmente pretendia a Magdalena, homem de boa presença, formado em varias materias e conhecido em toda a cidade.

Houve da parte do intendente tão virtuosa repulsa ao ouvir tão negra suspeita, que o nosso Ruy se lh'a visse, devia votar-lhe eterna gratidão.

Todavia como a justiça não podia deixar de averiguar tudo, mandou-se chamar Ruy de Leão, que apenas chegou negou o crime. Entretanto deo-se-lhe busca em casa, e achou-se-lhe a faca ensanguentada, que por um incrível descuido Ruy esquecera de lavar ou deitar fora. Interrogada a criadagem, confessou que o amo sahira de casa á noite, sem escudeiro, embuçado n'um capote e escondendo alguma cousa.

Todos os indicios eram contra o assassino.

A justiça d'el-rei tomou conta do réo ; abriu-se processo em regra e ao cabo de algum tempo foi condemnado Ruy de Leão a morrer de morte natural na forca.

Magdalena, que até então estimára a prisão e o processo do réo, teve pena d'elle quando soube que ia morrer enforcado.

Não deixára de lembrar-se que a causa d'aquelle crime era ella. Ruy apparecia aos olhos da moça com um aspecto tão interessante que elle lhe daria a mão de esposa se tanto fosse preciso para livral-o da forca.

Pobre licenciado !...

Marcado o dia para a execução, levantou-se no largo de Moura a forca, e o cortejo sahio da cadeia com o juiz, o padre, o carrasco e o pregoeiro. Troava a campa á frente, lia o pregoeiro a sentença da relação em cada esquina, e lá ia o nosso Ruy recebendo do sacerdote as consolações que o carrasco lhe não podia dar.

Grande numero de povo enchia o largo da execução, mas quem pensa o leitor que estava entre os espectadores? D. Martim mais pallido que a morte, victima do remorso e da curiosidade, causa indirecta do crime e da desgraça. Queria elle ouvir as ultimas palavras do condemnado, de que receiava alguma revelação relativa á sua pessoa.

Subio Ruy as escadas da forca, collocou-se em posição conveniente, abriu a boca para fazer um discurso, mas os tambores cobriram a voz do orador. Immediatamente entrou o carrasco nas honrosas funcções que a lei lhe conferia em nome do evangelho, e o corpo de Ruy de Leão ficou pendente da forca.

A pouco e pouco foi sahindo o povo aterrado com o espectáculo; e em todas as boticas e casas de barbeiro da cidade foi commentado o crime do defunto.

Quando veio a noite foi o carrasco tirar da forca o cadaver do réo acompanhado do respectivo ajudante. Cortou a corda e o corpo foi a terra.

— Ai! disse Ruy, — atordoado com a queda.

— Que foi? perguntou o carrasco ajudante.

— Não sei; foi um gemido de cão.

Approximáram-se do corpo; mas qual não foi o seu espanto? Ruy desatava tranquillamente o laço da corda e dizia:

— Levem-me a uma hospedaria que tenho fome.

O carrasco e o ajudante não ouviram mais do que a palavra, — *levem me*; — viram o gesto de Ruy e deitáram a correr. Toda a cidade ficou em alarma. Só se fallava do enforcado que resuscitára.

— Estava innocente! gritavam uns.

— É um santo! diziam outros.

Entretanto o ex-enforcado procurou tranquillamente cousa que comesse e cama em que dormisse.

IV.

O desenlêo maravilhoso e mysterioso d'este acontecimento assustou o pae de D. Magdalena. A superstição foi grande arma em favor de Ruy de

Leão, que alguns dias depois ousou apresentar-se em casa da moça e pedir-a em casamento.

A leitora applaude já a recusa de Magdalena.

Magdalena aceitou.

Previamente perdoado do crime commettido, Ruy casou com Magdalena, e confiou que ao menos teria durante alguns annos uma vida feliz; até que de novo o tomasse o tédio da vida.

Entretanto, D. Martim descontente com o desenlace do caso, explicou a seu modo a resurreição do rival.

— Foi naturalmente dizia elle, a um official, foi naturalmente acorde entre o réo e o carrasco. Deo-lhe este um laço fraco, e o homem poude resuscitar...

— Mas se eu vi o contrario, respondia o official.

— Vio mal...

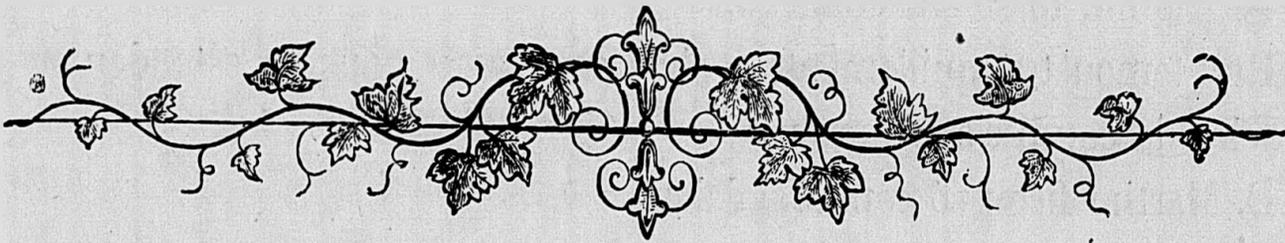
Jurou D. Martim vingar-se de Ruy.

Como?

(Continuar-se-ha.)

MAX.





RUY DE LEÃO.

FIM.



ogitou um meio seguro ; estreitou relações com o marido de Magdalena. Era para elle grandissima dôr e profundissimo despeito ver o rival feliz ao lado d'aquella a quem elle amava a pezar de tudo. Mas o ciume supporta tudo.

Quando julgou que as relações estivessem firmadas entre ambos e banido do animo de Ruy qualquer suspeita contra elle, D. Martim tratou de comprar um dos criados do rival e a poder de patações conseguiu que o criado se prestasse ao crime.

Costumava Ruy tomar uma chicara de chá uma hora depois do jantar. Uma tarde achando-se todos tres na salla, achou-se Ruy affrontado ; tinha comido muito e a digestão era laboriosa.

— Que sentes mais ? perguntou Magdalena.

— Nada mais. Eu já sei qual é o remedio ; mande vir o chá mais cedo.

Deo ordem, e o criado trouxe a chicara de chá. D. Martim olhou para o criado, e este fez-lhe signal de que o veneno estava dentro.

Quem olhasse então para D. Martim veria a expressão de triumpho que lhe transluzia no rosto.

— Emfim, disse elle comsigo.

Ruy tomou tranquillamente o chá, conversou pouco, estendeu-se na cadeira de couro e adormeceu.

D. Martim ficou só com Magdalena.

— Magdalena! disse elle.

— Que ousadia é essa? disse a moça.

— Ousadia, não. Ouça-me, eu ainda a amo...

— D. Martim, não me parece de cavalheiro o seu proceder.

— Porque? perguntou D. Martim com um sorriso infernal.

— Não vê quem alli está?

— Alli?

— Sim.

— Alli está um cadaver.

— Um cadaver? perguntou a moça ficando pallida.

— Quasi. D'aqui a dez minutos é um cadaver.

— Explique-se, D. Martim por quem é?

— Ah! pensa que eu não teria a minha vingança?

D. Martim estava fora de si; ajoelhou-se aos pés de Magdalena; esta fugio para o interior.

No entanto, acordou Ruy, bocejou, levantou-se e deo com os olhos em D. Martim, que estava no fundo da salla mais branco que uma toalha.

— Que tem você? D. Martim...

— Eu nada... disse D. Martim sem tirar os olhos do rival.

— Pois, senhor, continuou este, o chá precipitou a digestão, sinto-me melhor. Onde está Magdalena?

A moça ouvira a voz do marido e correu á salla.

D. Martim esperava a todo momento ver cahir fulminado o nosso fidalgo e já se arrependera das palavras que dissera n'esse sentido a Magdalena.

Esta perguntou ao marido como se achava; e elle respondeu que muito melhor.

— Proponho que joguemos alguma cousa para passar a noite que promette ser fria. O primo fica,... não?

— Eu... não... mas...

— Fica de certo.

Jogáram até tarde; tomáram chá; e Ruy não morreu como o outro esperava.

Foi naturalmente o patife do criado, pensou D. Martim.

Mas o criado estava igualmente espantado. Olhava para D. Martim, e não sabia explicar aquelle mysterio.

Quando D. Martim de lá sahio, foi acompanhado pelo complice que lhe jurou ter posto no chá a dose de veneno convencionada.

— Mas então que foi aquillo?

— Eu sei lá, senhor... Creio que um tiro...

— E promettes ajudar-me na empresa?...

— Prometto.

— Bem ; iremos ao tiro.

Preparáram emboscada ao invencivel Ruy de Leão ; deo-se o caso na rua do Piolho, em noite de tormenta, estando a rua mais deserta que um Sahara. O criado armou-se com o arcabuz do crime ; e desfechou o tiro na cara de Ruy. A victima soltou um espirro e continuou tranquillamente a viagem.

O criado desmaiou.

Ruy comprehendia que D. Martim lhe preparava golpes sobre golpes ; mas confiado no elixir do pagé, mostrava-se indifferente ás emboscadas e ao veneno do rival.

A unica questão seria a infidelidade da mulher.

Mas esta era um modelo de amor e constancia. Amava-o com ardor apezar de ir já longe a lua de mel.

Por isso mesmo durou pouco a felicidade.

Magdalena falleceu de uma pneumonia aguda.

— Que ! exclamou o pobre immortal ; pois eu hei de ver morrer todos aquelles a quem amo e hei de arrastar este castigo de vida ?

Enterrou-se a mulher de Ruy com a pompa digna da riqueza do marido. Aborrecido por estar no lugar onde lhe morrera a esposa, Ruy determinou partir para a Europa e assim o fez em 1825 depois de declarar a sua intenção de ficar brasileiro.

D. Martim foi para Angola onde morreu de desgostos.

Correram os annos.

Em 1835 aportou outra vez ao Rio de Janeiro o invencivel Ruy de Leão, disposto a não viajar mais e a esperar aqui o dia do juizo final. Achou o espirito publico agitado com a politica. Não havia loja em que se não conversava da cousa publica ; e os nomes taes e taes eram citados como modelos do estadista, conforme pertenciam a este ou aquella côr politica.

É difficil estar entre politicos muito tempo sem adquerir a febre que os devora. Além disso Ruy de Leão não tinha ensaiado esse genero de distracção. Nem a sciencia, nem o amor, nem o jogo, lhe apresentavam pasto sufficiente ao seu espirito sedento de occupação.

Para se calcular bem a situação do nosso heroe basta ter em lembrança o tédio de um dia em que não temos nada que fazer. Multipliquemos esse dia pela eternidade e ahi teremos a tortura moral d'este veridico sujeito escolhido pelo destino para ser o exemplo unico de uma aborrecida immortalidade.

A politica correspondeu aos desejos de Ruy de Leão.

Desde que entrou em communicação com os chefes de um dos partidos, vio logo que aquillo era turbilhão para uns trinta ou quarenta annos.

— Ao menos, disse elle comsigo, passarei este tempo mais satisfeito até que descubra outro meio que me substitua a politica.

Fundou logo uma gazeta denominada *A Alvorada* cujo programma era vago como a hora que o titulo fazia lembrar. Um dos periodos mais praticos era este :

« Reunir todos os elementos de prosperidade em favor da liberdade, consubstanciar a ordem nas aspirações do paiz, transformar o torpor em actividade, eis o programma da imprensa independente e é o meu. »

Os leitores gostáram d'este programma ; mas o jornal adverso, que se denominára *O Grito da Nação* atacou os principios da *Alvorada* com esta simples pergunta :

« Onde é que o collega vio que a liberdade pratica, unica, resoluta, firme, invencivel pode, abraçando elementos contrarios, ostentar principios, ideias, melhoramentos, que, symbolisando a honra de uma epoca destruam a poeira de um passado recente ? »

Tal foi o começo de uma polemica estrondosa que ainda hoje existiria se a morte igual para os homens e as gazetas não tivesse destruido o *Grito* e a *Alvorada*, dentro de alguns mezes.

Os talentos de jornalista de nosso Ruy de Leão foram apreciados por amigos e adversarios : effectivamente, Ruy tinha a capacidade especial que se exige na imprensa politica. *O Grito da Nação* andou atrapalhado durante a existencia da *Alvorada* que dias pouco lhe sobreviveu.

O partido de Ruy esperou a primeira occasião para apresental-o candidato por uma das provincias, o que aconteceu pouco tempo antes da morte da gazeta. A candidatura foi aceita pelos caudilhos da localidade. *A Alvorada* mencionou o facto como a aurora de uma grande vida politica pois o digno Ruy de Leão era, nem mais nem menos, um homem de Plutarcho.

— Quem é este Ruy de Leão ? perguntáram uns.

— Não sei, respondiam outros, mas parece que é um grande homem.

— Parece que sim.

Onde quer que se fallasse de Ruy, manifestava-se logo grandes esperanças em favor d'elle.

Se elle passava, era apontado como um grande politico, um Pitt, um Pombal.

De maneira que, antes de entrar no parlamento, já o nosso Ruy de Leão tinha a reputação feita. Se morresse logo morria em cheiro de santidade.

Mas como morreria o immortal?

Foi eleito.

Os leitores me dispensarão de dizer o que houve quando a pessoa d'este illustre doutor penetrou no recinto da Cadea Velha. Comprimentado e abraçado por amigos, olhado com desconfiança por adversarios, Ruy de Leão era o homem da situação, o sphinge que daria a palavra do futuro.

Quando algum deputado orava não deixava de alludir delicadamente ao redactor da *Alvorada*, como um dos homens mais eminentes do paiz e da camara.

Numerosos apoiados acolhiam estas expressões de justiça.

Durante uns trinta dias esteve callado o novo representante da nação, com grave desgosto dos seus amigos, que attribuiam grande poder de palavra a um homem tão insigne no uso da penna.

Os adversarios que tinham a mesma opinião, estimáram aquelle silencio e só desejavam que continuasse do mesmo modo.

Um dia, porém, no meio do grande barulho da assemblea, pedio a palavra o nosso Ruy de Leão. Fez-se immediatamente profundo silencio; os deputados correram a fazer grupo a volta do orador; o povo das galerias debruçou-se mais para não perder nada, e o proprio presidente, pondo a mão em forma de concha atraz da orelha, preparou-se para ouvir a estreia parlamentar do redactor da *Alvorada*.

Modesto e moderado em suas aspirações, Ruy de Leão começou assim o seu discurso:

« Sr. presidente. Das pessoas que o paiz mandou represental-o n'este recinto, eu sou, sem duvida o mais humilde e o menos competente (*Não apoiados*). Vejo Sr. presidente, que me rodeam as capacidades do paiz não só entre os meus amigos como entre os meus adversarios (*Muito bem!*) porque eu, senhores, quando contemplo os talentos, apreço as opiniões (*Sensação*). Nada valho, senhores...

MUITAS VOZES : Não apoiado !

O S. X. — Vale muito...

O ORADOR : — Nada valho mas sinto em mim que posso ajudar o edificio da grandeza nacional, não como o architecto que traça o plano, mas como o servente que carrega a pedra (*Applausos*).

« Para construir esse edificio, senhores que tem feito o governo ? Onde estão os seus planos ? Que materiaes possui ? Com que operarios conta ? Não apparece nada d'isto. Agarrados ás pastas os nobres ministros só apreciam o poder pelos prazeres que elle dá, prazeres frivolos e indignos de cidadãos de um grande paiz, em vez de se consagrarem todos, e a todas as horas, e com todas as forças, ao desenvolvimento da herança que receberam, senhores, e que deverão passar aos nossos filhos ! !

Aqui houve uma tal explosão de protestos e applausos, que o orador foi obrigado a calar-se algum tempo, e o presidente a agitar a campainha, verdadeira inutilidade no parlamento, porque quando todos gritam, a campainha tem pouca força moral para acalmar a tempestade.

Serenada aquella, depois de trocados alguns ditos mais ou menos energeticos, continuou o nosso orador, e d'ahi em diante não houve scena igual, porque a eloquencia de Ruy de Leão arrebatava amigos e adversarios, e todos estavam pendentes dos labios do novo Demosthenes.

Não resisto á tentação de transcrever das memorias secretas (porque os annaes não trazem os discursos de Ruy), a peroração do famoso discurso.

Eil-a :

« Tenho vivido muito, senhores, e conheço profundamente os homens e as cousas. A sciencia dos Estados não é uma vã palavra ; estudei-a nas obras dos homens publicos e no estudo pessoal dos acontecimentos. Aquelle grande e immortal Catão é para mim o typo da probidade politica, o modelo dos partidarios, a consolação das causas vencidas, a lição dos povos, o espantelho dos despotas, o espelho dos cidadãos (*bravo !*) a gloria da humanidade, o emblema do passado que desmoronou, a esperanza do futuro que se levanta ! (*Applausos.*)

« Dir-me-heis, talvez, senhores, que eu devia imitar aquelle grande homem recorrendo á morte ? (*Não ! não !*) Não o faço, não poderia fazel-o ! De mais a causa da verdade estará assim perdida ? Eu vejo sentados nas cadeiras ministeriaes homens que trahem os seus deveres e são capazes de vender a consciencia por um prato de lentilhas (*Susurros !*) ; mas, senhores não nos illudamos ; por ser Catão, é preciso resistir ao despotismo de Cesar, e onde está Cesar ? Alguem conhece entre os seus adversarios um Cesar ? (*Oução ! oução !*)

« Descancemos, pois ; não recorramos a um exemplo que seria funesto, porque a causa da verdade está salva, desde que houver entre nos opposição, a força e a união necessaria para vencer estes carregadores de pastas ! (*Applausos.*)

« Senhores, vou concluir. Os Hebreos atravessáram o deserto guiados por uma columna de fogo. Somos os Hebreos da politica ; a columna de fogo é a verdade ; alli nas cadeiras ministeriaes, está a terra de promissão. Emboquemos as trombetas da franqueza, avancemos com as tropas da vontade, empunhemos a espada da decisão, e aquelles cahirão ; aquelles homens serão cadaveres politicos porque, senhores, pouco dista de um moribundo a um cadaver. »

Esta monumental peroração, que os professores deviam dar aos seus alumnos de rethorica, causou immensa impressão na camara.

Os ministros quizeram responder ; mas era impossivel. Só havia attenção para o vulto imprudente do nosso Ruy que, sendo complimentado por grande numero de senhores deputados, recebeu no dia seguinte convite para um jantar que lhe deo a camara, sem distincção de partidos.

- Que discurso ! dizia um.
- Um monumento !
- É Mirabeau !
- É Cicero !
- Nunca ouvimos tal...
- É o Demosthenes moderno.
- Esta fundada a eloquência brazileira.

Taes eram as conversações do povo e da camara acerca do discurso de Ruy de Leão.

Ainda no jantar que lhe deram, o illustre orador teve occasião de assombrar a todos com um soberbissimo *speech*, no qual, alludindo á circumstancia de estarem alli amigos e adversarios proferio esta phrase tão immortal como o autor :

« Estou aqui como os mortos no cemiterio : a terra e o jantar nivelam as condições e as opiniões : o estomago é eclecticico. »

Seria longo enumerar os prodigios de eloquencia do nosso Ruy e dizer que serviços importantes prestou elle á causa do partido. Abastará mencionar que dentro de pouco foi elle constituido chefe do partido e aclamado o primeiro homem do parlamento.

Mas cedo se aborreceu da posição e da vida politica.

Tendo concluido a legislatura, o nosso homem declarou que se retirava á vida privada.

Gastáram-se muitas ferraduras e pedras das ruas em visitas á casa de Ruy, afim de ver se alcançaria que elle desistisse do intento.

Impossivel.

Ruy persistio na intenção de deixar a vida publica.

— Mas nós!...

— Não desisto do meu plano.

— Por quem é...

— Impossivel.

Retirou-se para o norte, e lá se escondeu arrastando uma vida que lhe era odiosa.

Um bello dia cahe a noticia de que rompera a guerra com o dictador Lopes.

Ruy alistou-se como capitão de voluntarios e partio para o sul. Fez proezas incriveis, collocou-se á frente das balas, queria a morte a todo custo.

Impossivel.

A morte respeitava-o.

Um dia sahindo fora do acampamento, encontrou um official paraguayo.

— Senhor, disse elle, sou inimigo : mate-me.

O paraguayo disparou-lhe um tiro, que lhe não fez mal nenhum. Accudio a companhia de Ruy e o trouxe para o acampamento.

Desesperado, voltou o homem á corte e aqui ficou, até que se deo o acontecimento que vou resumir e com o qual se conclue esta historia.

Travou Ruy conhecimento com um medico homœopatha, Alvares Mello; era excellente conhecedor da sciencia e Ruy gostava de conversar sobre medicina.

Um dia conversando em casa de Bernardes disse Ruy ao Doutor Alvares :

— Nunca pude comprehender o principio homœopathico.

— Porque?

— Acho elle contradictorio.

— Não é, disse Alvares; os maiores luminares da allopathia escreveram maximas que apoiam o principio homœopathico.

— Acho isso um sophisma.

— Não é, e vae ver.

Alvares entrou a explicar detidamente o systema homœopathico ao amigo; accumulou exemplos; raciocinou com calma e sciencia, pois era homem que sabia o que dizia.

Ruy ficou um tanto abalado.

Foi para casa e estudou o systema homœopathico com o affinco que lhe era peculiar, sempre que queria saber profundamente uma cousa.

Dentro de pouco estava convencido.

Mas então que disse elle?

— Tupan! és tudo; mas erraste. Fizeste-me immortal; mas deste ao mundo a homœopathia. Venço-te com as tuas armas. *Similia similibus curantur*; estás vencido.

Bebeu o resto do elixir do pagé.

No dia seguinte morreu.

Assim acabou este grande homem, apos quasi tres seculos de existencia, tendo colhido louros na guerra, na sciencia e no parlamento; feliz no jogo e nos amores; mimoso da fortuna; homem emfim, que provou praticamente que a morte, longe de ser um mal, é um correctivo necessario aos aborrecimentos da vida.

Imitamol-o nas façanhas e no amor ao estudo; não no desejo de ser immortal; e convencemo-nos de que o melhor elixir de immortalidade não vale os sete palmos de terra de Cajú.

MAX.

